

## A NUMISMÁTICA NA XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CIÊNCIA E CULTURA

António Miguel Trigueiros

Desde 1954 que se vêm realizando nos diversos países do Conselho da Europa grandes exposições de arte, subordinadas a temas que pretendem corresponder a alguns objectivos de ordem geral, que se prendem ao reconhecimento de uma cultura europeia, fonte de um património cultural comum.

Procura-se assim incrementar a investigação através da cooperação entre instituições e agentes culturais e a dinamização nos restantes países membros do Conselho para o aprofundamento e divulgação pedagógica dos esquemas tratados. Bruxelas foi o cenário da primeira exposição. Amsterdão, Roma, Londres, Paris, Atenas, Estocolmo foram algumas das cidades chamadas a organizar os certames seguintes, cujos temas variaram do maneirismo ao romantismo, do gótico ao século XX, ou se orientaram em torno de grandes figuras da história da Europa, como Carlos Magno ou Cristina da Suécia. Em 1980, foi Florença a cidade organizadora da XVI Exposição, a qual experimentou alargar o âmbito das suas realizações, explorando o tema «Florença e a Toscana dos Médicis na Europa de Quinhentos».

Portugal foi o país incumbido de organizar a *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura*, que terá lugar em Lisboa em 1983 e o seu tema será «*Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento*». Tema ambicioso que abarca mais de dois séculos de História e que cobre matérias que vão da geografia e cartografia à filosofia e à arte, os Descobrimientos Portugueses serão analisados por forma a corresponderem ao objectivo primordial que o Conselho da Europa põe nesta Exposição, isto é, encarados com o contributo português para a formação de uma unidade europeia, unidade que assenta em novas bases científicas culturais a partir do período renascentista.

Contudo, e em virtude da temática abordada, os Descobrimientos, esta Exposição tem pela primeira vez uma relação directa com áreas extra-europeias.

Para levar a cabo esta iniciativa formou-se no âmbito da Presidência do Conselho de Ministros o Commissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, cuja tutela foi delegada no Ministro da Cultura e Coordenação Científica.

A Exposição será distribuída por 5 núcleos, os quais dão uma ideia do desenvolvimento das diversas leituras a proporcionar para a mesma. Assim, escolheu-se a localização dos núcleos ao longo de Lisboa ribeirinha e quando possível em monumentos ligados directa ou indirectamente à época e temática expressa.

Os núcleos da exposição desdobrar-se-ão ao longo do Tejo, da Madre de Deus a Belém, numa imagem dinâmica simbólica do lento curso da cidade de Lisboa para o horizonte atlântico. Na *Madre de Deus* serão patentes aos visitantes as contribuições e perspectivas da Idade Média e a convergência cultural entre Portugal e o resto da Europa perante um mar por descobrir. Na *Casa dos Bicos* será abordado o quotidiano nos séculos XV e XVI numa demonstração do carácter internacional da Dinastia de Avis. A arte, a ciência e a cultura da época estarão presentes no *Museu de Arte Antiga*. Os *Jerónimos* mostrarão os Descobrimentos e as suas relações com as diferentes áreas geo-culturais. A *Torre de Belém* foi o local escolhido para se mostrar ao público a armaria do período coberto pelo tema da Exposição. Finalmente, num pavilhão retrospectivo será dada uma visão global das dezasseis exposições precedentes e das suas relações com a XVII.

Na Exposição estarão presentes variadíssimos tipos de peças ilustrativas da temática abordada: pintura, escultura, artes decorativas, vestuário, instrumentos científicos, instrumentos musicais, livros, manuscritos, mapas, documentos, armas, ourivesarias, e, naturalmente, moedas e medalhas do período abrangido pela exposição (de D. João I, 1385, até à morte de D. João IV, 1656).

O enquadramento destas últimas peças, nos diferentes núcleos, será o objecto da segunda parte desta comunicação.

## II

A contribuição da Numismática Portuguesa mereceu do Commissariado para a XVII Exposição uma atenção muito particular, sendo a única disciplina representada *em cada um* dos núcleos exposicionais. Por este facto, foi aceite que a sua coordenação fosse centralizada ao nível de toda a Exposição, dependendo directamente do Comissário-Geral.

Inicialmente discutiu-se a filosofia exposicional a seguir, nas duas modalidades possíveis: ou uma concentração num determinado núcleo ou a dis-

persão dos exemplares pelos diferentes núcleos. A decisão tomada enquadra-se, obviamente, no objectivo comum a alcançar nesta XVII Exposição; ou seja, a moeda, considerada como apoio histórico a vários tempos e temas, deve responder como tal às leituras proporcionadas pelos diferentes núcleos, em sequências mais ou menos completas consoante o tema e em função da qualidade dos exemplares a expor e não da sua quantidade.

Em termos práticos isto significa que, para a moeda poder responder a cada uma das temáticas propostas, houve que prever, nalguns casos, esquemas repetitivos, isto é, multiplicou-se o núcleo de exemplares idênticos a expor, como iremos ver.

Assim e de acordo com os temas já indicados, a exposição de moedas e de medalhas versará os seguintes aspectos.

*Núcleo do Mosteiro da Madre de Deus (Os antecedentes dos Descobrimentos):*

- \* a moeda mulçumana
- \* as cunhagens portuguesas de imitação
- \* a moeda no sistema europeu
- \* a moeda das transacções correntes  
(bulhão, da I dinastia)

*Núcleo da Casa dos Bicos (A Casa de Aviz, as suas relações com a Europa e o quotidiano nos sécs. XV e XVI):*

- \* a moeda no quotidiano da Dinastia de Aviz, com especial referência ao custo de bens ou serviços e abrangendo uma colecção genérica, por tipos, das moedas correntes.
- \* O «Livro de Horas» de D. Manuel I com a reprodução da conhecida iluminura das moedas, com recurso aos próprios exemplares que lá figuram.
- \* evocação das figuras da casa de Aviz, de que existem retratos em medalhas: D. Isabel, irmã de D. João III, filha de D. Manuel I e mulher de Carlos V — 1546; a princesa D. Joana, filha de Carlos V e mãe de D. Sebastião; a Infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel I e mulher de Carlos III Duque de Sabóia — 1554; Infante D. Duarte, neto de D. Manuel I e duque de Guimarães; e ainda medalhas representando D. Sebastião I, os Filipes e D. João IV.

(Estas medalhas foram recolhidas nas colecções do Paço Ducal de Vila Viçosa e do Museu Numismático Português).

*Núcleo da Torre de Belém (A Armaria nos séculos XV e XVI):*

- \* armas e peças de armaria em moedas portuguesas; (barbudas; justos; espadins)
- \* as moedas comerciais portuguesas, na rota africana das caravelas, para o ouro e para as especiarias;
- \* a moeda luso-indiana (pequena selecção);
- \* a moeda da resistência de D. António I, nos Açores.

*Núcleo do Museu de Arte Antiga (O Portugal dos Descobrimentos e a Europa do Humanismo):*

- \* a moeda e a medalha como obra de arte (medalhas renascentistas da extraordinária e desconhecida colecção do Museu Numismático Português; moedas de retrato)
- \* a ourivesaria e o ouro amoadado (contraste entre a custódia de Belém e os «Portugueses» de ouro)
- \* moedas portuguesas de figuração renascentista
- \* o livro do Juramento dos Moedeiros (encadernação)

*Núcleo do Mosteiro dos Jerónimos (Os Descobrimentos e o desenvolvimento da Economia Mundial; relações com espaços extra-europeus):*

- \* a evolução da moeda portuguesa, no período, relacionando-a com os ciclos do ouro, da prata e do cobre nos Descobrimentos;
- \* influência da moeda portuguesa na Europa (os «Portugalözers»)
- \* a evolução da moeda luso-indiana, no período.

Estabelecido o plano exposicional, procedeu-se de seguida à inventariação das necessidades em moedas e medalhas a expôr em cada núcleo, o que veio revelar alguns números deveras interessantes e levantar um problema de ordem logística: onde obter, obviamente por empréstimo, os exemplares necessários e em número suficiente, para a exposição?

Mesmo tomando como base a colecção portuguesa do Museu Numismático Português, o número de exemplares disponíveis é manifestamente insuficiente, especialmente no caso das moedas mais raras da Dinastia de Avis.

Um exemplo: o «Português de Ouro» de D. Manuel I, que é considerado um verdadeiro ex-libris dos Descobrimentos, deve figurar obrigatoriamente em cada um dos núcleos, muito embora enquadrado em temáticas diferentes. Mas para isso, serão precisos, pelo menos, dez exemplares e o Museu Numismático Português apenas possui dois.

Este problema do número de exemplares iguais necessários para abastecer os diferentes núcleos exposicionais, obrigou a proceder-se à inventariação das disponibilidades nas principais colecções portuguesas conhecidas, quer em Portugal, quer no estrangeiro, particularmente daquelas colecções pertencentes a entidades públicas e que, portanto, teriam mais facilidade em emprestar as moedas que fossem necessárias à XVII Exposição.

No exemplo citado dos «portugueses de ouro», essa inventariação revelou a existência, em Portugal, de cinco exemplares em colecções do domínio público, e mais quatro a cinco exemplares em colecções do domínio privado; ou seja, se não houver uma estreita colaboração das entidades detentoras dos mais significativos espólios numismáticos, não se conseguirá reunir o número de moedas necessárias para a Exposição.

Quanto às colecções de moedas portuguesas no estrangeiro, a necessidade de localizar essas tais moedas em falta nas colecções nacionais fez com que se planeasse um esquema de pedidos de empréstimo a variadíssimas instituições e museus espalhados pelo mundo.

Em primeiro lugar elaborou-se uma lista das principais moedas a localizar nas colecções estrangeiras.

Dessa lista citarei as seguintes:

- Leais de prata, de D. Duarte;
- Escudos de ouro, de D. Afonso V;
- Meio escudo de ouro, de Ceuta, de D. Afonso V;

(O Museu Numismático Português possui apenas um exemplar e parece ter sido localizado outro no Museu Britânico)

- Real de prata, de Ceuta, de D. Afonso V;
- Cruzados de ouro, também de D. Afonso V;

De D. João II:

- Justos, espadins e cruzados de ouro;

De D. Manuel I:

- Portugueses de ouro;
- Meios portugueses de prata; Índio de prata;
- Cruzados de ouro.

De D. João III:

- Portugueses de ouro, de dois tipos;
- Sanvicentes e meios sanvicentes de ouro.

Em seguida elaborou-se uma lista, tão completa como possível, das instituições detentoras de valiosas colecções numismáticas, num total de trinta e cinco nomes, a quem o comissariado enviou um pedido formal de informação, sobre se possuíam algumas das moedas acima indicadas e, em caso afirmativo, se as podiam emprestar para figurarem na XVII Exposição.

Julgo dever salientar a importância desta iniciativa que, se merecer do estrangeiro uma resposta afirmativa, permitirá, pela primeira vez e durante o período de duração da exposição, pôr ao alcance visual dos investigadores portugueses uma apreciável quantidade de moedas do mesmo tipo, para estudos comparativos das suas características e, eventualmente, trazer a Portugal algumas moedas daquelas que só conhecemos pelos livros.

E mais ainda: conta-se poder apresentar, também pela primeira vez, uma colecção muito completa dessas extraordinárias moedas de imitação dos «Portugueses de ouro», os chamados «Portugalösers», da Holanda, da Dinamarca e das cidades Alemãs.

No entanto e porque a colaboração que nos possa vir do estrangeiro ainda não está confirmada, nem dela há uma garantia absoluta, é com recurso às colecções nacionais que contamos poder apresentar ao mundo, nesta Exposição, o que foi a moeda portuguesa da época dos Descobrimentos, como evoluiu ao longo de quase 300 anos de História de Portugal, que influências recebeu e prestígio gozou na Europa do Humanismo, na Europa do Renascimento.

É por isso que faço aqui um apelo, a todos os nosso coleccionadores, no sentido de colaborarem na construção da XVII Exposição, pelo empréstimo de alguns exemplares em falta nas colecções públicas e de que fiz menção atrás. Só assim o coleccionismo numismático cumprirá totalmente a maravilhosa tarefa de que foi, pela História, incumbido: transmitir aos vindouros, pelo respeito, pela conservação, pelo estudo dos velhos numismas, páginas vivas do nosso passado, de que nos orgulhamos e queremos dar a conhecer.

A participação dos coleccionadores, na montagem da XVII Exposição, é, além disso, um acto prestigiante para a Numismática Portuguesa, de que este Congresso pretende transmitir publicamente uma imagem digna e merecedora do maior respeito e apoio das entidades públicas.

Por último, uma breve referência à a moedação comemorativa desta XVII Exposição e que tive o grato prazer de propor superiormente e de ver aprovada, em princípio.

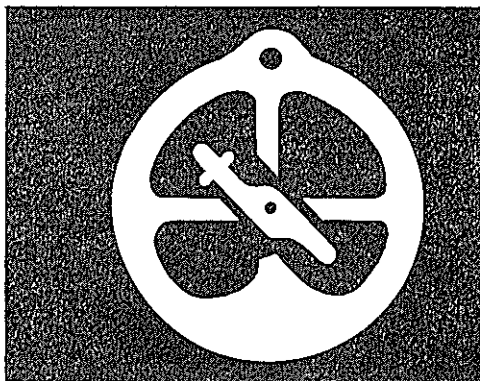
*Nunca, em Portugal, a moeda contemporânea homenageou a moeda antiga.* Creio chegada a hora de o fazer. E por isso propôs-se e não passa ainda de uma proposta, em colaboração com o Senhor Eng.º Paulo de Lemos, que o motivo dos reversos das três projectadas moedas de prata, de 1 000, 500 e 250 escudos, representassem, com fidelidade, os aversos de três das mais significativas moedas dos Descobrimentos:

- O Português de ouro, de D. Manuel I;
- O Índio de prata, de D. Manuel I;
- O 1/2 Escudo de Ceuta, de D. Afonso V (neste caso, o reverso).

Aliança do passado com o presente...

Glórias do passado numa promessa de futuro...

Um traço de união: a Numismática Portuguesa, o Coleccionismo Numismático.



*Astrolábio.* Instrumento náutico adaptado pelos portugueses no séc. XV a partir do astrolábio clássico para observar as estrelas e determinar a latitude. Ex-libris da XVII EEACC.



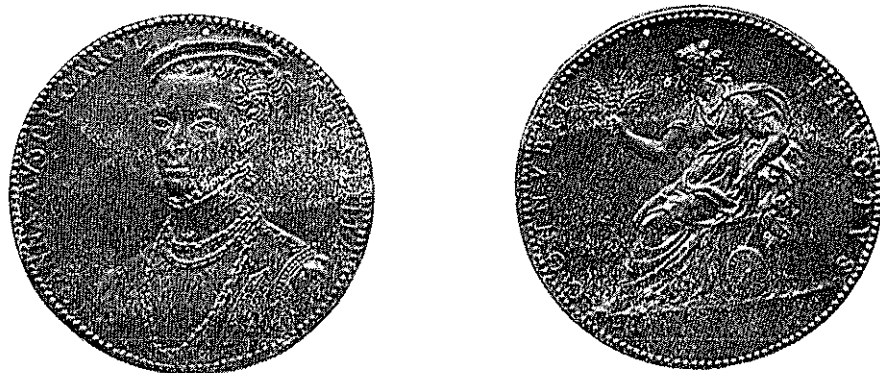




Medalha dedicada a Carlos V e sua esposa D. Isabel, filha de D. Manuel I  
(Prata dourada, Ø 38 mm).



Medalha dedicada à Infanta D. Beatriz, Duquesa de Sabóia, filha do segundo  
casamento de D. Manuel I— 1554 (Prata, Ø 63 mm)



Medalha dedicada à princesa D. Joana, filha de Carlos V e mãe de D. Sebastião



Barbudas e espadins: algumas das moedas portuguesas que apresentam peças de armaria



Reverso de duas notáveis medalhas de PISANELLO, da colecção do Museu Numismático Português



12 escudo de ouro de Ceuta, de D. Afonso V (Reverso)



Português de ouro de D. Manuel I (Anverso)

